

# Homenageando Herbert Moritz Caro

**Claus Michael Preger**

This text offers a closer look at Herbert Caro's life, habits and his role as one of the founders of the Jewish Foundation SIBRA in Porto Alegre.

**Keywords: Herbert Moritz Caro; life; habits; SIBRA;**

## 1 Introdução

Antes de mais nada, desejo agradecer ao José Blumenthal e ao Conselho da SIBRA pelo convite para pronunciar algumas palavras em homenagem a Herbert Caro.

Agradecer também ao Dr. Mário Leyser por sua ajuda em recordar alguns fatos importantes da vida do nosso homenageado. À SIBRA por ter editado este pequeno volume que conta toda sua história, com palavras escritas exatamente pelo próprio Dr. Caro.

Ao Instituto Cultural Judaico Marc Chagall por ter me permitido acesso aos seus documentos e à entrevista com o Dr. Caro, colhida por Gabriel Oliven, em 1987. Nesta época, o Projeto Memória do Instituto era coordenado pela Marlene Kulkes Preger, e no qual trabalharam também vários integrantes da SIBRA de hoje: Sandra Lemchen Moscovich, Claudia Laub, Túlio Milman, Gabriel Oliven, Tânia Wolf, Márcia Wolf Fridman. O nosso homenageado fazia parte da Câmara de Música e Artes do Inst. Marc Chagall.

O Instituto Cultural, atualmente dirigido pela professora Ieda Gutfreind e sua competente equipe, aqui presentes, organizou, apesar de todas suas dificuldades de espaço, de pessoal e de manutenção, no Instituto Goethe, em comemoração ao centenário de nascimento de Herbert Moritz Caro, uma magnífica e importante mesa redonda no dia 16 de Outubro, e montou painéis que apresentam a vida e obra de Caro: O nome da apresentação, "Traduzindo Herbert Caro", faz um jogo de palavras, bem a gosto do nosso homenageado. A exposição que está aberta no Instituto Goethe e lá ficará até o início de novembro dispõe painéis sobre o Homem do Livro, o Homem das Artes, o Homem dos Esportes, o Tradutor e o Judeu Alemão e ainda apresenta vitrines com seus objetos pessoais, demonstrando com estes títulos a real dimensão de sua vasta obra e sobre os diversos caminhos traçados por ele enquanto esteve entre nós

Por estas razões, não falarei sobre sua obra, seria redundância, mas sim sobre alguns aspectos de sua vida, em particular daquela relação que teve com seus amigos da nossa Sociedade.

## 2 Vida

Herbert Caro nasceu em 16.10.06, em Berlim e estaria completando 100 anos no

---

*e-mail: mkpreger@uol.com.br*

presente mês.

O pai também era advogado: Ernst Caro que casou com Helena Simonsohn em 1905.

O pai faleceu em 1947 e a mãe em 1973, ambos em Porto Alegre.

Família relativamente abastada perdeu grande parte de sua fortuna com a inflação pós 1ª Guerra.

Era levado e atrevido com os professores, embora nunca tenha perdido ou repetido nenhum ano escolar.

Formou-se em Direito com grau de Doutor na Universidade de Heidelberg e atuou durante alguns anos na profissão.

A família vivia distante das causas e das coisas judaicas. Não celebravam nem as festas judaicas, muito menos o Shabat. Tomou consciência da condição judaica somente mais tarde, como veremos.

Fez parte durante 7 anos da seleção alemã de tênis de mesa (Tischtennis, nosso ping-pong) e era Diretor Esportivo da Federação Alemã deste esporte e capitão da seleção.

Em 1933, iniciaram os decretos alemães do governo nazista contra os não arianos. Caro foi proibido de jogar pela seleção e de atuar nos tribunais, sendo expulso da Ordem dos Advogados. Neste momento tomou consciência que era judeu. É ele quem diz: “não havia escapatória, nem outra escolha e me tornei obrigatoriamente judeu”.

Seis meses após ter sido expulso da Ordem dos Advogados, recebeu um aviso (o Doc. da época) de que era devedor da mensalidade da Ordem do primeiro semestre de 1933. Segundo ele, foi a única dívida de sua vida jamais paga.

Conheceu D. Nina ainda na Alemanha, voltando de uma festa, ocasião em que furou um pneu do carro. Como o Dr. Caro não soubesse nem quisesse trocar a roda, permaneceram dentro do carro durante horas, até o amanhecer. Desde então, só a D. Nina passou a dirigir o carro do casal.

Tentou trabalhar na França, porém foi considerado clandestino, dava aulas de tênis de campo e de línguas. Desistiu porque não obteve licença para o trabalho, o que foi sua sorte, e resolveu, então, emigrar para o Brasil, após receber uma carta de um primo que dizia que entrar no Brasil não era difícil e que em 3 ou 4 meses se arrumaria para ganhar a vida. Essa foi a diferença que salvou sua vida!

Passou a estudar português, catando palavras de um velho dicionário e quando viajou para o Brasil, já tinha um vocabulário de 3.000 palavras.

Trabalhou inicialmente dando aulas de línguas e mais tarde para uma firma de anúncios. (Atualmente, nós chamamos de firmas de Marketing e Propaganda)

Finalmente, pelas mãos de Érico Veríssimo, entrou na Editora Globo para realizar suas traduções e organizar seu dicionário de Alemão Português Alemão, de 1943, em conjunto com Leonardo Tochtrop e, em traduções, com Casemiro Fernandes. Segundo ele, foi só então que realmente aprendeu a língua portuguesa, ou seja, traduzindo.

Ganhava pouco, mas como fazia crítica aos espetáculos teatrais, culturais e de cinema, entrava em todas as estréias de Porto Alegre, de graça, como ele próprio declarou.

Após 2 anos no Brasil, recebeu uma carta de Bernhard Wolff, pai do Dr. Cláudio Wolff, convidando-o para fundar uma sociedade judaica de fins essencialmente beneficentes a fim de receber e apoiar os novos imigrantes judeus alemães. Assim

foi fundada a SIBRA, em agosto de 1936 e que faz e comemora neste ano seus 70 anos de profícua existência.

Caro foi um dos sócios fundadores da SIBRA e seu segundo presidente, dirigindo os destinos da sociedade durante vários anos. Dava aulas de Português aos recém-chegados e tinha como tarefa importante, procurar parentes de pessoas que queriam imigrar para o Brasil. Ele mesmo descreve a cena: Dr. Caro vagando pela noite de Porto Alegre, sem condução, à cata de pessoas com endereço incerto, batendo em residências de pessoas que nem conhecia. Hoje, isto seria impossível de acontecer.

Quando o Brasil entrou na guerra contra os países do Eixo, a língua alemã foi proibida e muitos judeus alemães foram presos e seus aparelhos de rádio e suas bibliotecas confiscados. O Dr. Miguel Weisfeld, sócio da SIBRA, à época, era seu advogado de porta de cadeia, no bom sentido. Assim que soubesse de uma prisão, tratava de obter o *habeas corpus*, imediatamente. Era tanto de entra e sai da prisão que a diretoria da SIBRA, à qual pertencia Herbert, aconselhada pelo Dr. Miguel, criou uma carteirinha de identificação do sócio como “alemão judeu perseguido pelo nazismo”, o que abrandou o problema. Foi criado na SIBRA, portanto, como exemplo para todo Brasil, o primeiro *Habeas Corpus* Preventivo. No bom sentido, é claro!

Caro, assim como meu pai, tinha poucos conhecimentos de hebraico. Mas gostava dos livros de rezas da SIBRA, por serem trilingües: em hebraico, em português e num novo idioma, o transliterato destinado a facilitar a leitura do “faz de conta” da língua hebraica.

Ele recebeu várias honrarias: Gaúcho Honorário, Cidadão Emérito, medalha de Porto Alegre, medalha de Simão Lopes Neto.

Não se considerava mais alemão, apenas berlinense/porto-alegrense, tanto que, quando visitava Berlim, sentia saudades de Porto Alegre e vice-versa. Sob o signo de Orion, dizia, porque é a constelação que é vista nos dois hemisférios: as “Três Marias”.

Terminou seu depoimento afirmando sua gratidão pelo Brasil que o acolheu naqueles momentos difíceis e que sempre que traduzia um livro para o português, o fazia: primeiro, porque gostava de traduzir; segundo, porque era seu ganha-pão e terceiro, porque queria retribuir fazendo um bem pela cultura do povo brasileiro.

### 3 Hábitos

Caro tinha vários hábitos que o caracterizavam como uma personalidade ímpar: Denominava sua profissão no Brasil de *Free Lancer*: escritor, tradutor e jornalista.

- Gostava de ler: era um literato devorador de livros. Sua biblioteca ocupava várias paredes de seu apartamento à travessa Frederico Linck. Lia em alemão, inglês, francês, português, grego e latim clássicos. Durante a 2ª Guerra, seu maior medo era o de que a biblioteca fosse confiscada, mas não o foi e apenas cresceu durante todo esse tempo.

- Gostava de música erudita. A coleção de discos *Long Play* era ainda maior que a de livros. Ele e os amigos, como o Dr. Alexandre (Preger), recebiam esporadicamente um catálogo de discos onde anotavam os que já possuíam e aqueles que queriam encomendar, especialmente no Estúdio O2 e no King´s Discos. Chegou a ser possuidor, como meu pai também, do antigo Gramofone que tocava os discos pesados de 78 rotações, substituídos mais tarde pelos de 32 rotações, mais modernos. O uso destes discos constituía um verdadeiro ritual, que ele ensinava a

seus seguidores, também amantes da música erudita: desde como tirá-los da capa de papelão até como limpá-los com a flanela úmida.

- Gostava de cinema, não perdia estréia de teatro e de concertos. Sempre contava vantagem de que não precisava pagar a entrada, pois era jornalista e crítico de artes.

- Nos fins de semana, se reunia com os amigos, dentre eles, a família Leyser (Ernesto e Hilde), os Oliven (Klaus e Seldi) ou os Strauss (Jean e Mariane) e iam a Morro Reuter ou Dois Irmãos tomar café colonial. Quem dirigia era D. Nina, um verdadeiro perigo ao trânsito das estradas, não porque dirigisse com excesso de velocidade, ao contrário, por ser lenta demais. Também iam a Gramado, encontrar os Pregers (Alexandre e Irma) onde possuíam uma casa. Na volta, pela estrada federal de Caxias-Porto Alegre, a D. Nina seguida pelo Dr. Preger, ao descerem a serra, provocavam um congestionamento de quilômetros atrás de si. Era a tortura já conhecida dos caminhoneiros, nos domingos à tardinha.

- Colheita de cogumelos. Em algumas tardes de domingo, os Caro e os Leyser, estes com as crianças, se deslocavam aos arredores de Porto Alegre, à cata de cogumelos. Caro sabia exatamente como diferenciar os comestíveis dos venenosos, e sabia muito bem, tanto é que nunca se intoxicaram. Imaginem a cena digna de um filme europeu, rodado em Porto Alegre: os adultos e as crianças correndo pelas pradarias, chapuzinho na cabeça, cestinhas nos braços, colhendo cogumelos.

- A roda de cafezinho no início da tarde. Muitos amigos sempre tiveram a curiosidade de saber como é que era esta roda, em detalhes. Praticamente, em todos os inícios de tarde, nos dias úteis, o Dr. Caro se reunia com o Dr. Preger, num café à Andrade Neves, próximo à esquina da Travessa Arcelino de Carvalho. Esporadicamente apareciam o Ernesto Leyser, Herbert Lewinsohn, Miguel Weisfeld, Erwin Bendheim, Werner Schattmann, o Kurt Kassel e a D. Nina com a D. Irma e também eu próprio. Batiam papo sobre a última aquisição de discos, sobre música, peças de teatro, concertos, sessões de cinema, política e, principalmente, sobre futebol.

O Dr. Preger tinha seu consultório no antigo Edifício Vera Cruz, em cima do cine Vitória.. Quando um dos presentes fosse consultar com ele, a consulta iniciava na mesa do café. Todos davam palpites. Era o que eu chamava de “ante sala dos tzures”, onde começavam as queixas.

Pediam meia taça preta e permaneciam, em geral, até as três horas da tarde. O estabelecimento, com tanto consumo, como seria de supor, fechou.

- Domingos de jogo do Internacional. Caro era torcedor fanático do Internacional e o Dr. Preger, torcedor do Grêmio, mas como eu, era mais light que Caro. Por isso não chegavam a discutir. Nos dias de jogo do colorado, Caro ocupava sua cadeira, devidamente fardado de vermelho, radiozinho portátil no ouvido. (imaginem a cena!).

“Em alguns domingos, na gloriosa (para os colorados) década de 70, Herbert Caro ia ao Beira-Rio. Ele e o amigo Erwin Bendheim, que morava duas quadras acima de sua casa, postavam-se na esquina da rua Ramiro Barcelos com a Castro Alves aguardando a Kombi que os levaria ao estádio. Essa Kombi, pertencente a Günter Hess, genro de Erwin, já vinha cheia: da base (na Rua Eça de Queiroz) saíam Günter com sua esposa Vera e os filhos Eduardo e Vivian e os Lemchen (Hélio, Alice e as filhas Sônia e Sandra), esses vindos das Três Figueiras. Às vezes, no caminho, pegavam Fábio e Túlio Milman, que iam no "buraco" da Kombi, por serem os menores. O banco da frente estava sempre reservado para o motorista e aos dois passageiros mais "experientes", Caro e Erwin, que reclamavam do atraso no horário

- ainda que estivessem sempre no estádio pelo menos meia hora antes do começo do jogo, pois a Kombi tinha estacionamento fixo no Beira-Rio e as cadeiras eram numeradas. Lembro-me ainda que nessa Kombi, eventualmente, cabiam também os amigos do Eduardo, entre eles o Ricardo Sondermann, o próprio Jorge Preger e também o Ricardo Preger.” (Colaboração de Sandra Lemchen Moscovich)

Dr. Caro faleceu em 23 de março de 1991 e seu nome virou praça de Porto Alegre. Em 10 de agosto de 1996, há 10 anos, portanto, foi inaugurada a Praça Herbert Caro, por iniciativa do vereador Isaac Ainhorn, à Rua Clemenciano Barnasque, ao lado do Hospital Espírita. Na ocasião, um de seus melhores amigos, Ernesto Leyser, proferiu um belo discurso, de onde nós destacamos as qualidades e virtudes atribuídas a ele: “enciclopédia viva, símbolo do erudito não sisudo, intelectual destacado, aberto aos prazeres da vida, gourmet refinado, colorado fanático, amigo de seus amigos”.

Obrigado.

### **Palestra proferida por Claus Michael Preger na Sinagoga da SIBRA, em 20 de outubro de 2006.**